

## Um texto para Simone Moraes

A tarefa de construir um texto. Um texto para Simone Moraes.

Primeiramente, deixar vir os pensamentos livres e escrevê-los no papel de rascunho quando chegarem. Conversamos mais cedo ao telefone, ela em São Paulo e eu no Rio, e ela me disse sobre sua vontade de focar no nosso ato em comum: a tarefa de coletar.

Um texto, antes de tudo, é uma coleta – de palavras, de assuntos, de pausas, de pontuações.

E para seguir adiante, precisei lembrar a mitologia da Psiquê. Depois que conheci o conto, não penso mais em coletas sem refletir sobre as quatro tarefas destinadas a essa mortal. Qualquer pessoa naquele tempo era chamada de mortal. Que maneira clara de incorporar a morte na vida e se acostumar com ela. Psiquê temia à morte e aos castigos que lhe foram destinados e, portanto, precisaria separar, no espaço de uma noite, de um grandioso monte de grãos, seus diversos tipos de sementes. No desafio seguinte iria enfrentar ferozes carneiros para recolher suas lãs de ouro. Depois encheria um frasco com águas que nasciam de uma montanha absurdamente íngreme. E, por fim, guardaria em uma caixa os segredos da beleza, extrema e absoluta. Ajudada por formigas, galhos, vozes e deuses, ela cumpre suas árduas missões. E funda para sempre uma alegoria à alma humana, onde cada um passa a ser único e conhecedor de si. Coletar é selecionar, elaborar, escolher. Somos, portanto, fundamentados pelas nossas escolhas. O que comer, o que falar, o que vestir. Escolher amigos, afetos, trajetos, riscos. E segue fluidamente, e sem fim, procuras e encontros, e o que se acha, também é o que constitui cada ser. Somos sempre aquilo que amamos.

Quase repetindo o início do texto, mas diferentemente agora, afirmo que coletar é um ato comum e está em qualquer existência. Apenas não nos bastam os fazeres rotineiros já determinados desde que nascemos e inventamos arte ao inventarmos as nossas próprias funções. E mais

além, queremos desafios para viver impossibilidades, estender o tempo, voltar ao passado, rever ciclos naturais, e culturais, fabular, gerar sensações, cheiros, dores, medos, alegrias, novos sentidos, rebeldias. Que especial *pré-potência* nos envolve e nos movimenta.

Seguem aqui algumas vontades da Simone: em *Habitar um armário com guardados e lembranças* ela seleciona suas memórias, curiosamente como em um gabinete de curiosidades. Em *Risco do dia* coleciona marcas que faz com as mãos num vigoroso tronco de árvore. Na obra *Fortilégio* junta um número significativo de pétalas de flores em um fio, para tentar, de forma irreal, extinguir qualquer efemeridade e fazê-las retornar à árvore de origem. Em *sendo boi sou ternura, entendo que sou terra* apreende seu lugar de viver, na sua casa-fazenda – em que todo dia convive com o gado, cavalos, galinhas, porcos, terra, mato, sons da mata, silêncio no vale, noite estrelada, árvores com frutas e sem frutas, pedras, horta, rios e chuvarada – e escolhe transportar pequenas coisas da natureza para armários brancos com vitrines de vidro, aqueles que terão que conter tamanha exuberância e afeto. E, finalmente, em *Aparelho para coletar o azul do céu* elabora sofisticado aparelho que captura diferentes umidades do ar permitindo existir sobre pequenos recortes de papel distintos tons de azul.

Simone segue cumprindo suas tarefas, as mesmas que imagina, para armazenar, organizar e fundar seu próprio mundo. Volto aos rascunhos e leio a frase: *ela traz a potência e a alegria de ser vida-arte.*

Brígida